

Os Invisíveis | Sâmia Marília Câmara Lopes

Eu estava dentro do ônibus e este era o primeiro dia em que eu cruzava a cidade, na qual estava morando agora, para chegar até a faculdade. Como dizemos aqui no Nordeste, “o sol tava quente que só”, era quase 13:00 da tarde. Foi a primeira vez que eu os vi, os invisíveis. Usavam roupas que aparentemente, haviam encontrado por aí, cada um carregava nas costas um estilo de bolsa diferente, bolsas velhas de criança, sacolas, sacos, onde, acredito eu, estavam guardados os poucos bem materiais que a ocasião lhes dera.

Eram um lheres e homens, muito sujos, jovens e outros já com uma certa idade. Moravam ali na parada de ônibus, perto da pracinha, em frente ao mercado, lugar este bem movimento. Carros, mulheres, crianças, jovens, homens, avôs e avós, Todo Mundo passava bem pertinho dos invisíveis, mas, Ninguém parecia os ver. Ali era sua casa, eu vi uma torneira onde um deles lavava alguns legumes velhos, vi uma bacia pequena onde outra lavava sua roupa íntima e eu vi que dos bancos perto de onde estavam, dois eram suas camas. Andavam de qualquer jeito, até nus, porém, Ninguém os via.

Um dia uma delas entrou no ônibus, Ninguém a viu, exceto eu. Usava metade de um vestido, estava suja e se dirigiu a mim na tentativa de me dizer algo, pareceu mais um murmúrio, que na cabeça dela eram palavras. Depois me mostrou uma sacola e fez sinal para que eu depositasse algo. Foi então que eu entendi o que ela disse “Me dá um dinheiro aí”. Eu lhe dei dois reais, ela viu e não gostou, pois, era pouco. No outro dia, outro invisível entrou, declamou palavras que segundo ele, estavam na bíblia. Eu não tenho total conhecimento desse livro, mas, tenho quase certeza de que ele deve ter lido em algum outro lugar. Também pediu uma oferta, eu tentei desviar os olhos, só tinha uns trocados de emergência, porém, ele com sua destreza de invisível, me convenceu e levou meu dinheiro.

Todo dia eu passava, quer chuva ou sol, lá era a casa deles, eram um grupo de pelo menos 15 invisíveis. Vez ou outra, um pessoal ia levar sopa para eles, eram os dias nos quais outras pessoas além de mim os via. Um deles, o mais velho, até ajudava a distribuir, era o mesmo que estava lavando os legumes, ele transmitia a ideia de líder, várias vezes ao passar na parada, o via cuidando dos outros, do seu jeito meio estranho, mas, cuidando. No resto das outras vezes, voltavam a fazer o que sempre faziam, ser invisíveis.

Nessas idas e vindas até a faculdade, comecei a entender porque tinham se tornado invisíveis. Eles haviam caído nas ciladas do mundo moderno. Quando, no fim da tarde eu voltava, às 18:00 horas, sempre existia muita fumaça vinda de seus cigarros, um conteúdo de coloração esbranquiçada, ao qual inalavam, na superfície dos bancos e a demência deles parecia ser bem maior que o normal, além disso, essa também era a hora em que brigavam uns com outros. E isso se repetia muitas vezes.

Agora essa narrativa só tem final para mim que os observava, pois, eu finalmente havia concluído minhas horas na faculdade, então parei de ir, não os vejo mais. Contudo, ainda estão lá, não sendo importantes para Ninguém, Ninguém sentindo sua falta, Ninguém se preocupando com eles e Todo Mundo os vendo.